



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

CHALLENGES OF A MEDICAL STUDENT WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN THE FIRST YEAR: EXPERIENCE REPORT

DESAFÍOS DE UN ESTUDIANTE DE MEDICINA CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN EL PRIMER AÑO: INFORME DE EXPERIENCIA

João Marcos Oliveira dos Santos¹

e555315

<https://doi.org/10.47820/recima21.v5i5.5315>

PUBLICADO: 05/2024

RESUMO

De acordo com o modelo biomédico, e com as sintetizações dos principais manuais diagnósticos vigentes, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodivergente complexa que se manifesta por desafios na comunicação, interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento. Objetivos: problematizar a implementação das políticas de inclusão, buscando identificar os principais desafios que o estudante autista enfrenta na universidade, abrangendo aspectos pedagógicos, questões sociais e o suporte fornecido pelo núcleo de acessibilidade da instituição. Materiais e Métodos: Trata-se de um relato de experiência. Resultados: A atuação do Núcleo de Acessibilidade e o apoio ao estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foram essenciais no acolhimento inicial e na definição de estratégias educacionais. Observou-se que o perfil do discente é semelhante a relatos de ingresso tardio de neuroatípicos no ensino superior, refletindo as dificuldades enfrentadas desde a Educação Básica. A inclusão de profissionais de apoio que assumem funções de facilitação e mediação tem o potencial de influenciar positivamente o aprimoramento de habilidades sociais e cognitivas em indivíduos com TEA. Considerações: Embora a legislação brasileira tenha avançado no contexto da inclusão, ainda é possível observar uma lacuna entre as políticas, as concepções teóricas e as práticas adotadas nas instituições de ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Ensino Superior. Inclusão. Pessoa Com Deficiência.

ABSTRACT

According to the biomedical model, and with the synthesizers of the main current diagnostic manuals, Autism Spectrum Disorder (ASD) is a complex neurodivergent condition that is manifested by challenges in communication, social interaction, and restricted and repetitive patterns of behavior. Objectives: to problematize the implementation of inclusion policies, seeking to identify the main challenges that autistic students face at the university, covering pedagogical aspects, social issues and the support provided by the institution's accessibility center. Materials and Methods: This is an experience report. Results: The work of the Accessibility Center and the support for students with Autism Spectrum Disorder (ASD) were essential in the initial reception and in the definition of educational strategies. It was observed that the profile of the student is similar to reports of late entry of neuroatypical patients into higher education, reflecting the difficulties faced since Basic Education. The inclusion of support professionals who take on facilitation and mediation roles has the potential to positively influence the enhancement of social and cognitive skills in individuals with ASD. Considerations: Although Brazilian legislation has advanced in the context of inclusion, it is still possible to observe a gap between the policies, theoretical conceptions and practices adopted in higher education institutions.

KEYWORDS: Autism. Higher education. Inclusion. Person with disabilities.

RESUMEN

De acuerdo con el modelo biomédico, y con los sintetizadores de los principales manuales diagnósticos actuales, el Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una condición neurodivergente

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos

compleja que se manifiesta por desafíos en la comunicación, la interacción social y patrones de comportamiento restringidos y repetitivos. Objetivos: problematizar la implementación de políticas de inclusión, buscando identificar los principales desafíos que enfrentan los estudiantes autistas en la universidad, abarcando aspectos pedagógicos, problemáticas sociales y el apoyo brindado por el centro de accesibilidad de la institución. Resultados: El trabajo del Centro de Accesibilidad y el apoyo al alumnado con Trastorno del Espectro Autista (TEA) fueron fundamentales en la recepción inicial y en la definición de estrategias educativas. Se observó que el perfil del estudiante es similar a los relatos de ingreso tardío de pacientes neuroatípicos a la educación superior, reflejando las dificultades enfrentadas desde la Educación Básica. La inclusión de profesionales de apoyo que asuman funciones de facilitación y mediación tiene el potencial de influir positivamente en la mejora de las habilidades sociales y cognitivas en las personas con TEA. Consideraciones: A pesar de que la legislación brasileña ha avanzado en el contexto de la inclusión, aún es posible observar una brecha entre las políticas, las concepciones teóricas y las prácticas adoptadas en las instituciones de educación superior.

PALABRAS CLAVE: Autismo. Enseñanza superior. Inclusión. Persona con discapacidad.

INTRODUÇÃO

De acordo com o modelo biomédico, e com as sintetizações dos principais manuais diagnósticos vigentes^{1,2}, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodivergente complexa que se manifesta por desafios na comunicação, interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento.

O TEA afeta uma parcela significativa da população global. Em nível mundial, a epidemiologia do TEA tem ganhado destaque, com uma prevalência estimada de 1 em cada 160 crianças.³ No Brasil, os estudos epidemiológicos revelam um aumento na detecção do TEA, com estimativas variando de acordo com a região.⁴

O diagnóstico do TEA é baseado nos critérios estabelecidos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - Quinta Edição (DSM-5). Esses critérios incluem *déficits* na comunicação e interação social, bem como comportamentos repetitivos e restritos de interesses com prejuízos na socialização.¹

O TEA pode ser dividido em três níveis de gravidade, determinados com base na quantidade de suporte que um indivíduo necessita: Nível 1 (requer algum suporte), Nível 2 (requer suporte substancial) e Nível 3 (requer muito suporte substancial). O TEA é uma condição neurodesenvolvimento irreversível que envolve diferenças na conectividade e atividade cerebral em certas áreas, bem como alterações na estrutura do cérebro, incluindo o lobo frontal, hipocampo e cerebelo, e mudanças nos neurotransmissores dopamina e serotonina. A etiologia do transtorno é complexa e envolve uma combinação de fatores genéticos e neurobiológicos.¹

A literatura internacional aponta um notável aumento nos diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas últimas décadas.⁵ Esse aumento tem impactado a presença de jovens com TEA nos diversos níveis de ensino, incluindo o ingresso na universidade. No entanto, é importante observar que, nos Estados Unidos, apenas cerca de um terço desses estudantes inicia a faculdade nos seis anos subsequentes à conclusão do Ensino Médio.⁶ Vale destacar que 38,8%



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos

desses estudantes conseguem concluir a graduação.⁷ Apesar desses números, ainda é escassa a quantidade de pesquisas dedicadas a compreender as experiências universitárias de estudantes com TEA, especialmente quando consideramos a perspectiva desses estudantes sobre si mesmos.⁸

A inclusão de pessoas com deficiência, incluindo aquelas com TEA, é respaldada por políticas públicas que garantem o direito à educação e à participação plena na sociedade. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU⁹ estabelece diretrizes importantes nesse sentido. No contexto brasileiro, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015)¹⁰ reconhece o TEA como uma deficiência e estabelece a obrigação de promover a inclusão plena e igualdade de oportunidades.

Ademais, é importante mencionar que a Lei nº 13.409/16¹¹ modificou as vagas reservadas para pessoas com deficiência (PCD) em instituições de ensino superior a partir de 2018. Essa política pública estabeleceu cotas para PCDs em instituições federais de ensino técnico e superior, resultando em um aumento significativo no número de estudantes beneficiados.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)¹², houve um total de 43.633 matrículas de estudantes com necessidades especiais, representando 0,52% do total de matrículas. Os estudantes com TEA, foco deste estudo, representam 3,5% das matrículas.

É relevante destacar que, embora o TEA tenha sido amplamente estudado em crianças, o conceito do autismo na vida adulta é relativamente novo e requer maior atenção e apresenta produção literária escassa. À medida que as crianças diagnosticadas com TEA envelhecem, surge a necessidade de entender e apoiar suas necessidades específicas na vida adulta. Além disso, os desafios das deficiências não visíveis, como o TEA, tornam-se cada vez mais aparentes, pois nem sempre são prontamente identificáveis.

Isso reforça a importância de explorar as experiências de adultos com TEA, particularmente em contextos como cursos de Medicina, onde a compreensão e a inclusão adequada são essenciais para garantir que todos tenham igualdade de oportunidades e suporte necessário para atingir seu potencial.¹³

Ademais, estudos que abordam a inclusão de pessoas no espectro autista estão diretamente ligados ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 da Agenda de 2030 da ONU que tem como foco "Educação de Qualidade", evidenciando que diálogos sobre inclusão educacional é uma preocupação global.

Nessa conjuntura, este estudo busca através do relato de experiência de um discente do curso de medicina diagnosticado com TEA problematizar a implementação das políticas de inclusão, buscando identificar os principais desafios que o estudante autista enfrenta na universidade, abrangendo aspectos pedagógicos, questões sociais e o suporte fornecido pelo núcleo de acessibilidade da instituição.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos

Além disso, almejamos que ao examinar a percepção desse aluno, possamos oferecer "insights" sobre a maneira como discentes TEA compreendem a realidade e, assim, estimular reflexões a respeito da inclusão bem-sucedida desses estudantes nas instituições de ensino superior.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência de um discente diagnosticado com TEA do primeiro ano do curso de Medicina de uma instituição de ensino superior federal. Porta de entrada através das leis de cotas de inclusão por cor, modalidade cursada no ensino médio - rede pública - e deficiência documentada por meio de Laudo médico. Processo via Sistema de Seleção Unificada (SISU) no ano de 2023 no Estado de Minas Gerais.

Este é um método amplamente empregado no ensino, na pesquisa e na extensão, que são fundamentais para as universidades, especialmente em estágios e residências. Ele tem o potencial de contribuir para a compreensão de particularidades e para reflexões de natureza sócio-histórica, enriquecendo a bagagem cultural dos envolvidos.¹⁴

Os relatos de experiência que incorporam uma abordagem crítica e reflexiva desempenham um papel significativo na construção do conhecimento científico ao permitir que vivências em contextos específicos sejam expressas por meio da escrita, analisadas e refletidas com suporte em fundamentos teóricos.¹⁴

O relato foi dividido em dois momentos, o acolhimento inicial e as adversidades e estratégias adotadas ao longo do semestre. Os resultados foram redigidos em forma de narrativa.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A atuação do Núcleo de Acessibilidade e o apoio ao estudante com TEA - acolhimento inicial e reflexões sobre o processo

Ao adentrar a instituição de ensino Superior o discente, pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) recebe convite do departamento de acessibilidade e acompanhamento pedagógico para realizar o acolhimento inicial e verificar necessidade de desenvolvimento de estratégias educacionais. Nessa reunião é definido e autorizado o compartilhamento de informações necessárias com a coordenação do curso, a fim de orientar os docentes sobre necessidades específicas, esse encontro é realizado semestralmente.

O acadêmico tem 27 anos, diagnosticado com TEA na fase da adolescência, nível de suporte 2 transitando para Nível 1 de suporte, mudou-se para o estado sozinho para cursar medicina, sem rede de apoio familiar na região.

Essa ação mencionada vai de encontro com o programa de acessibilidade no ensino superior instituído em 2005,¹⁵ pelo Ministério da Educação (MEC) para atender às necessidades das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) que possui como objetivo principal eliminar barreiras



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos

físicas e sociais que dificultam a plena participação dos alunos que requerem atendimento especializado, conhecer o discente é primeiro passo para promover acessibilidade.

Com relação ao perfil do acadêmico é similar aos relatos da literatura que mencionam a entrada de neuroatípicos no ensino superior em fase tardia em comparação aos neurotípicos.^{16 17} Tendo em vista as barreiras e dificuldades que são enfrentadas por estes em seu processo de inserção desde a Educação Básica, o que vem a refletir diretamente no adiamento do ingresso ao ensino superior.¹⁶

Destaca-se nesse recorte que o discente Pessoa Autista também é da cor preta, evidenciando mais uma lacuna de vulnerabilidade, visto que os estudos apontam que no ensino superior há uma predominância da presença de estudantes brancos em relação aos estudantes com TEA e à população estudantil em geral. Esse achado reflete a história de discriminação e marginalização enfrentada pela população afrodescendente, levando a subnotificação de TEA devido a barreiras no acesso à saúde e obstáculos no ingresso ao ensino superior, entre outros desafios.¹⁶

Nesse mesmo encontro foi apontado que o discente possui transtorno do processamento sensorial, com hipersensibilidade auditiva e tátil, necessidade uso de aparelhos de regulação, estereotípias, *stims* (movimentos regulatórios), dificuldade para compreensão de figuras de linguagens, piadas, metáforas, ironias, sarcasmos, dificuldade de socialização e da necessidade de tempo adicional para realização de atividades.

A instituição com os laudos em mãos tomou conhecimento que o discente necessitava de acompanhamento psiquiátrico e psicológico contínuo para conseguir realizar atividades acadêmicas e sociais, o acompanhamento psicológico não ocorreu durante todo o período letivo, o discente apresentou crises durante esse intervalo.

Nesse contexto, da atuação do setor de acessibilidade com o objetivo de analisar as políticas e práticas institucionais relacionadas ao acesso e à permanência de estudantes com TEA Silva *et al.*,¹⁶ destacaram que os núcleos de acessibilidade desempenham um papel fundamental de proporcionar condições necessárias para que os estudantes com deficiência tenham a oportunidade de ingressar, continuar e concluir seus cursos de graduação com êxito.

Silva *et al.*,¹⁶ mencionam que a interação entre as políticas educacionais para a Educação Especial e as políticas institucionais é essencial para promover a inclusão, abrangendo tanto o acesso quanto a permanência de estudantes com TEA no ensino superior. Isso acontece por meio da colaboração entre a instituição de ensino, representada pelos núcleos de acessibilidade, e a implementação de políticas públicas e políticas internas que coordenam esforços para assegurar o acesso e a permanência desses estudantes, isso inclui viabilizar a saúde mental como estratégia de melhora do enfrentamento.

A preocupação e a dedicação em relação ao bem-estar dos estudantes, independentemente do nível de ensino, são garantidos por lei. Tanto órgãos públicos quanto instituições privadas devem estabelecer canais de comunicação e adotar medidas para atender às necessidades das pessoas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos

com deficiência, conforme estabelecido na Lei nº 13.146/2015. O artigo 28 da referida lei estipula que "é responsabilidade do poder público garantir, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar" os direitos desse grupo. Além disso, o inciso VII estabelece que o sistema público deve se encarregar do "planejamento de estudos de caso, elaboração de planos de atendimento educacional especializado, organização de recursos e serviços de acessibilidade, bem como disponibilização e uso pedagógico de tecnologias assistivas."¹⁰

Adversidades e estratégias de enfrentamento no primeiro ano

A instituição conta com a monitoria inclusiva como estratégia de promoção de acessibilidade. O acadêmico optou por vivenciar o primeiro mês da graduação para verificar a necessidade do uso, contudo o processo de seleção de monitores inclusivos não foi informado no ato da conversa e quando o discente expressou a necessidade do recurso, quase não o conseguiu, o que rendeu em baixo aproveitamento na disciplina de anatomia humana 1, pela quantidade de pessoas dentro da sala de aula, o discente não conseguia permanecer próximo as peças pelos múltiplos estímulos sensoriais. A monitoria foi concedida no meio do primeiro semestre e o aproveitamento acadêmico melhorou substancialmente.

No segundo período houve adaptação para solicitação prévia do recurso, com todos os prazos informados durante a entrevista semestral, possibilitando ao discente organizar-se para atividade com melhor aproveitamento das disciplinas.

Pessoa com Transtorno de Espectro Autista conforme o DMS-5,¹ pode apresentar hipersensibilidade a estímulos com dificuldade para concentrar-se em locais com grande agitação. Além de rigidez cognitiva com necessidade de serem informados os passos que devem adotar para realização de atividades, ao não detalhar as ações que os mesmos precisam adotar, pode gerar grande sofrimento psíquico, com queda da desenvoltura para realização de atividades, o cérebro neurodivergente possui funcionamento diferente e lidar com mudanças pode ser demasiadamente difícil.

Em casos especiais de pessoas com autismo, o estudante sugeriu que fosse disponibilizado um prazo maior para que o aluno tenha tempo de verificar se necessita da monitoria inclusiva e conseguir solicitar sem prejuízos ao seu processo de aprendizado.

A inclusão de profissionais de apoio que assumem funções de facilitação e mediação tem o potencial de influenciar positivamente o aprimoramento de habilidades sociais e cognitivas em indivíduos com TEA. Isso ocorre com o propósito de facilitar a adaptação de rotinas e currículos educacionais voltados para atender às necessidades individuais dos estudantes¹⁷ e que nesse aluno em especial surtiu efeito, visto que o aproveitamento da disciplina melhorou com a inclusão da estratégia da monitoria inclusiva.

De acordo com Olivati²² em sua pesquisa baseada em entrevistas com 6 estudantes TEA, os entrevistados destacaram a importância de os núcleos de acessibilidade e apoio contarem com uma



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos

equipe multidisciplinar, que incluía pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros profissionais. Segundo os relatos dos estudantes com TEA, a ausência de profissionais capacitados para identificar suas necessidades específicas é um obstáculo significativo no processo de inclusão no ensino superior.

Durante as aulas houve pouca ou nenhuma flexibilização por parte dos docentes para contemplarem as necessidades relatadas ao setor de acessibilidade pelo discente. Não foi concedido tempo adicional para realização de avaliações, algumas atividades foram realizadas de forma on-line com tempo de 10 minutos. O discente apresenta hipersensibilidade ao som e alguns docentes ministrava aula com o uso de vara de madeira atritando na parede, o que dificultava ao discente concentra-se no conteúdo ministrado. Houve extrema dificuldade de socialização por parte do discente para realização de trabalhos grupais.

O discente passou por atendimento pedagógico para verificar a possibilidade de adaptação dos materiais dos docentes, foi sugerido o uso de laser e ou borracha na ponta do instrumento utilizado para apontar.

Diante do exposto é possível inferir que existe urgência na formação de professores e demais profissionais envolvidos na inclusão, como os que compõem o quadro do Núcleo de Acessibilidade, para que a inclusão seja uma realidade na instituição.¹⁸

O estudante compartilhou suas experiências em relação à timidez e às dificuldades que enfrentava em interações com os professores e colegas de sala. Também expressou seu desapontamento em relação à turma, pois se sentia excluído das atividades em grupo e percebia a falta de compreensão por parte dos professores em relação às suas expressões faciais durante as apresentações de trabalhos acadêmicos, assim como a dificuldade com as mudanças de horários sem prévio aviso.

Os docentes informaram que desconheciam as limitações do discente e que a comunicação com o setor de acessibilidade não aconteceu, expondo o discente a situações de sobrecargas sensoriais, o que acarretou crises durante o período.

Barbosa e Gomes (2019) ressaltam que a presença de pessoas com TEA no ensino superior ainda é bastante limitada, o que resulta em um baixo nível de compreensão do espectro por parte dos professores universitários. Isso destaca a importância crucial da existência de núcleos e programas de acessibilidade que incluam esses docentes, uma vez que sua ausência pode prejudicar significativamente o pleno desenvolvimento dos acadêmicos que estão inseridos no ambiente universitário.¹⁹

A pesquisa de Oliveira e Abreu,¹⁸ cujo objetivo foi analisar a percepção de um aluno com TEA sobre seu processo de inclusão numa universidade pública do estado de Goiás, constatou a dificuldade desse estudante de se engajar nas atividades coletivas, especialmente na realização dos trabalhos em grupo, o que lhe causava angústia, estresse e muitos problemas no ambiente universitário, indo de encontro ao sofrimento supracitado.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos

A universidade dispõe de atendimento ao estudante no núcleo de assistência estudantil, o atendimento não tem foco contínuo, porém em casos de TEA é uma boa estratégia a ser desenhada, visto que esses discentes possuem dificuldades de se relacionar e podem melhorar esse quesito com intervenções a longo prazo, conforme relata as recentes pesquisas.¹⁷⁻²¹ Após intervenção da coordenação do curso de medicina juntamente com Serviço Social o aluno pode ser atendido pelo time de saúde mental o que levou a melhorar suas estratégias de enfrentamento, reduziu as crises e melhorou o aproveitamento acadêmico.

É fundamental destacar que o entendimento das características individuais das pessoas com TEA amplia as oportunidades de inclusão e permite que expressem todo o seu potencial criativo. Muitos acadêmicos com TEA têm uma forma singular de perceber o ambiente e uma mente visual. Portanto, a implementação de métodos de ensino adaptados é essencial para alcançar resultados bem-sucedidos. Isso ressalta a importância do apoio psicopedagógico, que pode ser altamente benéfico para esses estudantes.²⁰

Como estratégia para melhorar a socialização do discente e trabalhar suas habilidades em âmbito social, foi incluído em grupo de debate sobre a ODS, com a docente previamente informada sobre a sua condição, possibilitando melhor interação do discente dentro da sua tolerância e fortalecendo o senso de coletivo.

Na revisão da literatura feita por Camaliote *et al.*,²¹ sobre a permanência de pessoas com espectro autista no nível superior. foi evidenciado que uma das dificuldades para devolver estratégias para romper as dificuldades encontradas ao longo do processo da formação dos universitários é a escassez de evidências científicas que abordem práticas capazes de favorecer a inclusão de estudantes pelos docentes.

Nesse sentido, é fundamental enfatizar que não existe um modelo universal que possa satisfazer todas as necessidades dos estudantes, professores e da comunidade acadêmica no que diz respeito à inclusão no Ensino Superior. É necessário estabelecer um relacionamento baseado na comunicação, confiança e abertura, de modo a construir vínculos que permitam que a comunidade acadêmica adquira conhecimento sobre as particularidades de seus estudantes.

CONSIDERAÇÕES

Este relato teve como objetivo promover uma reflexão a respeito das práticas inclusivas vivenciadas no âmbito do Atendimento Educacional Especializado, visando a compreensão do processo de socialização e progresso dos acadêmicos com TEA. Embora a legislação brasileira tenha avançado no contexto da inclusão, ainda é possível observar uma lacuna entre as políticas, as concepções teóricas e as práticas adotadas nas instituições de ensino superior.

Assim como em outras situações de Atendimento Educacional Especializado, os estudantes com TEA demandam uma abordagem diferenciada. Para isso, é essencial estabelecer um vínculo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos

afetivo, traçar metas, estudar suas características individuais e, a partir desse entendimento, aplicar abordagens e métodos de intervenção que atendam às suas necessidades específicas.

Além disso, o docente responsável pelo Atendimento Educacional Especializado deve trabalhar de forma colaborativa com uma equipe multidisciplinar, incluindo professores da disciplina, psicólogos e outros profissionais. Para alcançar os objetivos propostos, é crucial que os profissionais envolvidos continuem se aprimorando e atualizando seus conhecimentos. Isso se deve ao fato de que a compreensão do TEA ainda está em evolução, com constantes descobertas e avanços na área de tratamento dessa condição.

REFERÊNCIAS

- 1- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR: texto revisado. 5. ed. Porto Alegre: Artmed; 2023.
- 2- Almeida MSC, Sousa- Filho LF, Rabelo PM, Santiago BM. Classificação Internacional das Doenças - 11ª revisão: da concepção à implementação. Rev Saude Publica. 2020;54:104.
- 3- World Health Organization. International Classification of Diseases (ICD-11). Geneva: World Health Organization; 2018.
- 4- Brasil, Ministério da Saúde. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Brasília: Ministério da Saúde, 2019.
- 5- Myers SM, Voigt RG, Colligan RC, Weaver AL, Storlie CB, Stoeckel RE, Katusic SK. Autism Spectrum Disorder: Incidence and time trends over two decades in a population-based birth cohort. J Autism Dev Disord. 2019;49(4):1455-1474. DOI: 10.1007/s10803-018-3834-0
- 6- Shattuck PT, Narendorf SC, Cooper B, Sterzing PR, Wagner M, Taylor JL. Postsecondary education and employment among youth with an Autism Spectrum Disorder. Pediatrics. 2012;129(6):1012-1049.
- 7- Newman L, Wagner M, Knokey AM, Marder C, Nagle, K, Shaver D, Wei X. The post-high school outcomes of young adults with disabilities up to 8 years after high school. A report from the National Longitudinal Transition Study-2 (NCSE 2011-3005) Menlo Park, CA: SRI International, 2011.
- 8- Bolourian Y, Zeedyk SM, Blacher J. Autism and the University Experience: narratives from students with Neurodevelopmental disorders. J Autism Dev Disord, 2018;48(10):3330-3343. DOI: 10.1007/s10803-018-3599-5
- 9- Organização Das Nações Unidas [ONU]. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Doc. A/61/611. [S. l.]: ONU; 2006.
- 10- Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.
- 11- Lei n 13.409, de 28 de dezembro de 2016 [Internet]. Universidade Federal Fluminense. 2017 [cited 2023 Oct 11]. Available from: <https://www.uff.br/?q=lei-no-13409-de-28-de-dezembro-de-2016#:~:text=Alterar%20a%20Lei%20n%C2%BA%2012.711>



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DESAFIOS DE UM DISCENTE DO CURSO DE MEDICINA PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO PRIMEIRO ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos

- 12- Censo da Educação Superior [Internet]. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira |2018b Inep. Available from: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior>
- 13- Smith J, Johnson M. The Experiences of Medical Students with Autism Spectrum Disorder: A Survey Study. *Medical Education Online*. 2020;25(1):1783313.
- 14- Mussi RF de F, Flores FF, Almeida CB de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional* [Internet]. 2021 Sep 1;17(48):60–77. Available from: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010/6134>
- 15- Gerais O, Legais M. *Direito à Educação Subsídios para a Gestão dos Sistemas Educacionais* [Internet]. Brasília: Ministério da Educação;2006. Available from: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/direitoaeducacao.pdf>
- 16- Silva SC da, Schneider DR, Kaszubowski E, Nuernberg AH. Estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: analisando dados do INEP. *Psicologia Escolar e Educacional*. 2020;24.
- 17- Rosa FD, Matsukura TS, Squassoni CE. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 2019;27(2):302–16.
- 18- Oliveira AFM, Abreu TF. A percepção do aluno com transtorno do espectro autista sobre o processo de inclusão na Universidade Federal de Goiás (UFG) [Internet]. *Unesp.br*. 2023 [cited 2023 Oct 11]. Available from: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/8897/6274>
- 19- Barbosa HF. A inclusão de pessoas com autismo no ensino superior: percepções discentes sobre o ingresso à universidade. *Plataforma Espaço Digital*. [cited 2023 Oct 11]. Available from: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/58539>
- 20- Santos WF dos, Santana VS, Dias L de SS, Teixeira CMD, Pondé MP. A Inclusão da Pessoa com Autismo no Ensino Superior. *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*. 2020;9(3). <https://doi.org/10.9771/re.v9i3.33786>
- 21- Camaliente DDO, Kondo L, Rocha ANDC. Estudantes do ensino superior com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa da literatura brasileira. *Revista Educação Especial*. 2021 May 27;34.
- 22- Olivati AG, Leite LP. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. *Revista Brasileira de Educação Especial*. 2019;25:729-746. [Acesso em: 15 jan. 2024]; Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/N3sgZJb7wNHpVHv7LYkGvwL/abstract/?lang=pt>.